



## **Aprendendo e ensinando telejornalismo: relato de experiências acerca das relações de ensino-aprendizagem no âmbito da Universidade Estadual do Piauí<sup>1</sup>**

Rosane MARTINS de Jesus<sup>2</sup>

Thamyres SOUSA de Oliveira<sup>3</sup>

(Universidade Estadual do Piauí /UESPI)

### **INTRODUÇÃO**

Constantemente, deparamo-nos com trabalhos que se propõem a fazer uma reflexão sobre produtos telejornalísticos, ou seja, buscam analisar o próprio fazer, a partir de seus produtos. Contudo, entendemos que a atuação dos profissionais que estão no mercado também depende da maneira como foram instruídos no universo acadêmico. Por isso, decidimos, enquanto professoras de disciplinas relacionadas ao jornalismo audiovisual, percorrer os caminhos mais intimistas e trilhar os “percursos de dentro”. Posto isso, o objetivo geral da pesquisa é refletir sobre nossas próprias práticas docentes na arte de ensinar telejornalismo

Ao discutir educação e comunicação, Freire (2013) menciona que a educação deve ser diálogo, um encontro de sujeitos interlocutores em torno da significação dos significados. Embora o autor não fizesse alusão ao ensino de telejornalismo, entendemos que, para termos um telejornalismo melhor, as discussões sobre a técnica e a produção de sentidos que o mesmo desperta deve envolver professores, alunos e o próprio mercado, uma vez que é de lá que partem as demandas.

---

<sup>1</sup> Resumo expandido apresentado no **GP Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino**, no III Encontro Regional Nordeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Nordeste).

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Graduada em Comunicação com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Piauí, em 2006. E-mail: rosanemartins@pcs.uespi.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação, pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí. Graduada em Comunicação com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Piauí, em 2013. Email: thamyressousa@pcs.uespi.br.



Para relatar nossa experiência, buscamos inspiração teórico-metodológica em Freire (2013) e criamos um diálogo entre autores do campo da educação, como Morán (2015) e telejornalismo por meio das diretrizes curriculares e nossas experiências em sala de aula, seja como alunas ou professoras.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nosso relato de experiência considera as Diretrizes Curriculares da área de Comunicação Social e suas habilitações integrantes dos Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1.363/2001 e Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de graduação em Jornalismo de 2013, bem como as discussões de A. Brasil (2001) sobre o modelo de aula de telejornalismo em meados do século XX e início do século XXI, de Morán (2015) sobre os modelos de educação e Freire (1996) com a discussão sobre educação bancária. Para isso, fizemos primeiro um movimento de entender nossas bases enquanto alunas de disciplinas de telejornalismo e, depois, nos debruçamos sobre as nossas práticas docentes.

Nos formamos bacharéis em comunicação social com habilitação em jornalismo nos anos de 2006 e de 2013, pela Universidade Federal do Piauí. Embora não sejamos contemporâneas de graduação, nosso curso em ambas as datas era regido pelas mesmas Diretrizes Curriculares da área de Comunicação Social e suas habilitações integrantes dos Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1.363/2001. O documento já previa a formação de um profissional crítico, capaz de refletir sobre demandas sociais e profissionais da área e pensava um jornalismo atento às dinâmicas sociais. Entretanto, quando chegávamos às habilidades específicas gerais dos cursos de habilitação em jornalismo, o documento propunha um curso que primava pela técnica: registrar fatos, produzir textos, editar em espaço e período de tempo limitados

Em 2006, o curso contava com três disciplinas dedicadas ao telejornalismo: “Redação em Telejornalismo”; “Produção em Telejornalismo” e “Edição em



Telejornalismo”. Ambas as disciplinas, tinham carga horária de 60 (sessenta) horas, mas todas elas apresentavam 4 (quatro) créditos práticos e faziam parte das disciplinas obrigatórias do sexto período. Como os próprios créditos explicitam, as disciplinas se debruçaram sobre a prática e, o pouco contato que tínhamos com alguma teoria, era estimulado pelas leituras de livros clássicos que ajudavam a construir essa prática, a exemplo de: “Manual de Telejornalismo” de Heródoto Barbero e Paulo Lima, O texto na TV” Vera Íris Paternostro e “On Camera: o curso de produção de filme e video da BBC” de Harris Watts.

Em 2013, com a reformulação da grade curricular, o curso tinha apenas duas disciplinas dedicadas ao telejornalismo, que atendiam pelos nomes de “Prática de Telejornalismo” e “Laboratório Avançado II Telejornalismo” e embora já dispusesse de disciplinas que nos faziam refletir sobre a cultura, política, economia, sociedade, dentre outras temáticas, as disciplinas de telejornalismo, não abordavam questões relacionadas às construções simbólicas. Entretanto, o rigor da técnica, a boa captura de imagens de apoio, a seleção das sonoras acabavam se sobressaindo bem mais.

As aulas que dispunhamos em ambas as disciplinas eram, em sua maioria expositivas e dialogadas, acompanhadas de relatos profissionais dos professores. Segundo A.Brasil (2001), o professor que ministrava estas disciplinas deparava-se com manuais e livros que abordavam o telejornalismo, um assunto puramente imagético, mas sem dispor do suporte adequado para que o aluno compreendesse o caminho e se via também limitado no que se refere aos bastidores do telejornalismo, uma vez que as universidades dispunham ( ainda dispõem) de dificuldades em relação a estrutura de laboratórios e, apesar das visitas guiadas a redações, nem tudo era revelado ao aluno .

## **RESULTADOS**

Como professoras de cursos de jornalismo, a partir de 2012 e de 2016, respectivamente, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) acreditamos que o nosso



“ensinar telejornalismo” passa por mudanças, de base processual. Alterações que consideramos que são motivadas pelo fortalecimento dos movimentos sociais que nos instigam a olhar a sociedade de maneira mais humanizada e crítica, mas também pelo fortalecimento de congressos e das redes de pesquisa em telejornalismo, a exemplo da Rede Telejor.

O trabalho na UESPI segue ajustado às Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de graduação em Jornalismo que são discutidas na Resolução 1 do Conselho Nacional da Educação de 2013 e as disciplinas de telejornalismo acontecem no 4º e 6º período<sup>4</sup>, quando o aluno, muitas vezes, já atua no mercado.

Temos buscado nos aproximar do aluno utilizando metodologias ativas. Segundo Morán (2015), os modelos tradicionais baseados na transmissão de informação por parte dos professores eram viáveis em uma conjuntura em que o acesso à informação era difícil. Para o autor, o caminho das metodologias ativas faz com o que o aluno, acompanhado por profissionais mais experientes, seja estimulado a pesquisar, avaliar situações, trabalhar com os olhares diferentes, assumir riscos e aprender pela descoberta.

Em uma das atividades, apresentamos a proposta de que a turma fizesse a leitura inicial de um texto básico sobre telejornalismo público. Para estimular o olhar crítico e reconhecer no telejornalismo (privado e público) as diferenças, a aula começou com um exercício de avaliação de escaladas de dois telejornais que haviam sido veiculados no mesmo dia, no horário vespertino (do almoço), Repórter Brasil Tarde e Jornal Hoje.

A leitura das imagens foi direcionada para os conteúdos que se repetem e/ou diferem; quantidade de notícias postas na escalada; linguagem e recursos utilizados. Contudo, os mesmos foram apenas um ponto de partida para a construção da análise.

Os estudantes fizeram alusão a informações trabalhadas em outros componentes do curso, como critérios de noticiabilidade, por exemplo, ficaram inquietos sobre como

---

<sup>4</sup> Em 2025, dispomos de dois PPC's em vigência.



pautas voltadas para direitos humanos foram ignoradas pela emissora privada, tensionaram a operacionalização do valor-notícia por cada emissora, refletiram sobre técnicas diferentes empregadas nas escaladas, opinaram sobre qual consideraram mais atrativa e nos instigaram a pensar como a forma de financiamento acaba interferindo na independência editorial e compromisso com o público. Ali, estudante e professora construíram o conhecimento de forma horizontalizada.

Ainda refletindo sobre o telejornalismo de emissoras públicas e privadas, nossos alunos foram estimulados a praticar, desenvolvendo um fala povo . Para isso, a turma foi dividida em equipes e os mesmos, inicialmente, prepararam a pergunta-base/tema do fala povo, selecionaram o ambiente de gravação e pensaram que tipos de imagens ajudariam a compor a linguagem do produto final. Em conjunto, discutimos as abordagens e os grupos foram desenvolver o produto. A ideia era fazer com que a turma exercitasse um dos formatos utilizados no telejornalismo, se desafiasse para executá-lo e refletisse sobre os resultados.

Outra atividade recorrente é o estímulo a elaboração de passagens criativas, que sejam capazes de despertar o interesse do público para a temática, ao mesmo tempo em que busca ampliar as informações. Além disso, estimulamos o desenvolvimento de reportagens que possibilitem o aprimoramento de pautas sociais, sensíveis e humanizadas. Sem esquecer que teoria e prática não se opõem. Ambas contribuem para o pulsar da sociedade e do viés democrático que inspira ao passo que possibilita a composição de outras melodias, onde a teoria possa refletir a prática, ao mesmo tempo em que a prática reflita a apropriação da teoria.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após mais de uma década de dedicação ao ensino-aprendizado do telejornalismo, é satisfatório ver os frutos, das nossas práticas educacionais, sendo refletidos nos fazeres



práticos dos educandos que escolheram o telejornalismo como caminho profissional. Somos conscientes de que nossa prática educacional está apenas nos primeiros passos. E afirmamos isso, cientes também de que o ensinar é processual, e assim como tudo que é processual, é maleável, adaptável e mutável, a partir de um processo de auto reflexão que busca os caminhos de dentro, para compreender as circunstâncias que ajudam a traçar os próximos passos dos caminhos de fora.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, A. O ensino de telejornalismo no Brasil: entre a teoria e a prática. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001, Campo Grande. **Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação- Intercom**, 2001.. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2BRASIL.PDF>. Acesso em: jun.2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES nº 492**, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e suas habilitações. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso: abr. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 1**, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 30 set. 2013, p. 17. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 1 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf). Acesso em: jun. 2025.